


## O realismo-naturalismo como nova expressão da arte na concepção de Eça de Queirós

 <https://doi.org/10.56238/sevned2024.026-011>

**Kátia Cristina Pelegrino Sellin**

Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Letras da Unesp, campus de Assis-SP.

---

### RESUMO

O Realismo e o Naturalismo foram movimentos literários que marcaram fortemente a literatura europeia. Eles trouxeram novas estratégias literárias com o objetivo de conceber uma nova expressão da arte. Temos por objetivo esclarecer o Realismo-naturalismo por meio da concepção do escritor português Eça de Queirós, a partir de comentários e explicações sobre textos encontrados no livro “As Conferências do Cassino em periódicos fontes primárias e história literária”, coletânea de Rosane Gazolla Alves Feitosa. A finalidade é discorrer a respeito da Quarta Conferência do Cassino, a qual teve Eça de Queirós como preletor, para obtermos uma noção do momento literário português em que os periódicos tiveram um protagonismo importante. Há abordagem acerca da cultura e da história política de Portugal no século XIX, além de comentários sobre o que cada jornalista expressou em suas reportagens, com relação sobre o ponto que cada qual explanou mais, explicando sobre o que disseram a respeito das exposições de Eça, as quais o tornaram marcante na literatura. Trata-se de uma pesquisa inédita no sentido de trazer uma apresentação referente às fontes primárias importantes para a construção do Realismo-naturalismo em Portugal.

**Palavras-chave:** Realismo, Naturalismo, Conferências do Cassino, Eça de Queirós.

## 1 INTRODUÇÃO<sup>1</sup>

Buscar as raízes e procurar uma identidade nacional com uso da subjetividade já não era mais suficiente para a literatura da segunda metade do século XIX. As descobertas científicas abriam espaço à reflexão de diversas temáticas. A evolução chegava trazendo consigo a necessidade de pensar com objetividade e de fazer uso da razão. Portanto, os intelectuais começavam a examinar uma nova concepção de literatura, que valorizasse o raciocínio e revelasse a realidade dos seres e das coisas, que trouxesse à tona o verdadeiro estado psicológico humano. Eis que desponta o Realismo em 1857 na França com “*Madame Bovary*”, de Gustave Flaubert. E, em Portugal, a partir da década de 1860, por meio de um embate intelectual intitulado *Questão Coimbrã* (1865-1866).

A nossa proposta é realizar uma abordagem acerca da palestra que Eça de Queirós proferiu na Quarta Conferência do Cassino, a qual foi relatada de diferentes perspectivas, com visões de jornalistas que as publicavam em periódicos da época. Desse modo, compreendemos, por meio das elucidações sobre o discurso de Eça, a história de como o Realismo-naturalismo se concebeu em Portugal. Alguns jornais cobriram o acontecimento naquele momento, ressaltando o talento do jovem Eça, tais como *A Revolução de Setembro*, *Jornal da Noite*, *Diário popular*, *Partido Constituinte*, *Diário de Notícias*. Opinaram principalmente Luciano Cordeiro, Pinheiro Chagas e Alberto de Queirós, expondo o ponto de vista deles em relação às ideias defendidas por Eça de Queirós. Pinheiro Chagas foi o mais crítico. Há certo enfoque sobre a cultura e história política de Portugal no século XIX.

Carlos Reis (1999) pondera que a análise de diversos períodos e subperíodos literários se processam de forma articulada, com a caracterização de um período em relação estreita com a de outro período ou subperíodo: “O aparecimento, o desaparecimento e a extinção de períodos literários resulta, pois, de uma interação periodológica que, por outro lado e conforme já ficou sugerido, não pode dissociar-se obviamente de outros fenômenos culturais” (REIS, 1999, p. 412). Diante do exposto, atribui-se a devida relevância a fenômenos como a reinterpretação de movimentos passados, com transformações internas, que passam por certas rupturas, isto é, um período se forma contra o outro. Então, é possível compreender porque o Realismo-naturalismo apresentava ideais opostos ao Romantismo.

O Realismo tem uma origem francesa relativamente bem determinada e conexas-se de formas diversas com o Romantismo e com o Naturalismo: com o Romantismo, essa relação é de confronto e de superação [...]; com o Naturalismo, essa relação é de convergência parcial, uma vez que o Realismo funda e consolida procedimentos técnico-literários depois reajustados e ideologicamente refinados, em contexto e com propósito naturalista (REIS, 1999, p. 436).

---

<sup>1</sup> As consequências das Conferências do Cassino foram sobre a crítica literária contemporânea e a afirmação do Realismo como nova expressão da arte, do ensino e das reformas. Fazia-se crítica de história e de literatura, criando atitude política onde só havia uma intenção científica – *As Farpas* – crônica mensal da política, das letras e dos costumes – n. 2 – junho/1871 – FEITOSA, 2023, p. 394-396.

Da Questão Coimbrã, emergiu um grupo de jovens intelectuais que entrou em um debate com defensores do Romantismo em Portugal. O debate ocorria por meio dos jornais entre os anos de 1865 e 1866. Eles expressaram opiniões em defesa de uma ideologia literária própria. Cabe lembrar que em 1865, o escritor romântico português Antônio Feliciano de Castilho<sup>2</sup> fez uma publicação para censurar o grupo dos jovens da imprensa da Universidade de Coimbra, asseverando que eram obscuros exibicionistas que subvertiam a noção de poesia, finalizando que ali faltava bom senso e bom gosto.

Antero de Quental se sentiu fortemente afetado ao ler o texto de Castilho, pois liderava a nova geração de escritores. Então, escreveu um panfleto publicado pela imprensa de Coimbra o texto de resposta, a “Carta ao Excelentíssimo Senhor Antônio Feliciano de Castilho”, em cujo título se incluía a expressão “Bom senso e bom gosto”. Tratava-se de uma crítica sarcástica de quem construía o próprio caminho, sem pedir permissão aos mestres, e sim consultando a própria consciência, procurando caminhar com autonomia, sem repetir ou copiar. Em seu posicionamento, a missão do escritor se compara ao sacerdócio, que exige posição ética e, ao mesmo tempo, roga independência de caráter e de pensamento. Em suma, contesta a poesia que promove a palavra em detrimento da ideia, a poesia conservadora, aquela que soa bem, todavia não ensina, tampouco eleva.

Em 1871, um grupo de jovens intelectuais conhecido posteriormente como “Geração de 70” fez surgir em Lisboa um movimento que preconizava argumentações em torno da situação da nação portuguesa. Falavam de assuntos que interessavam a população contemporânea que possuía interesses em comum. Planejaram as Conferências do Cassino. Segundo Carlos Reis (2001), foi uma “[...] iniciativa fundamental promovida pela Geração de 70 (e dinamizada sobretudo pela figura carismática de Antero de Quental), as Conferências do Casino, em que Eça proclama o Realismo como nova forma de expressão artística” (REIS, 2001, p. 12).

Entre os envolvidos estavam Antero de Quental, Eça de Queirós, Guerra Junqueiro, Teófilo Braga, Ramalho Ortigão, Oliveira Martins e Jaime Batalha Reis. Eles defendiam a ideia de que uma atuação política e literária influenciava a forma de conceber a sociedade. Foi uma transformação sociocultural projetada por escritores, alguns deles ligados ao jornalismo. Eles se reuniam para conversar sobre a vida cultural e política de Portugal. Planejaram e organizaram as Conferências Democráticas do Cassino Lisboense, onde discutiam temas sobre literatura, política, educação, religião etc. Essas conferências faziam parte de um projeto de intervenção cultural, política e social, entretanto foram proibidas pelo governo da época. O projeto era que fossem feitas dez Conferências do Cassino, porém aconteceram somente cinco conferências.

---

<sup>2</sup> Antônio Feliciano de Castilho foi visconde no século XIX e autor do Romantismo. Perdeu a visão quase completa aos seis anos de idade devido a um sarampo, por isso era um exemplo de superação, sendo admirado por colegas escritores de seu tempo. Era um intelectual influente e polemista. Na posição de pedagogo, foi o inventor do Método Castilho de leitura.

## 2 AS CONFERÊNCIAS DO CASSINO LISBOENSE

Antero de Quental<sup>3</sup> foi quem encabeçou o grupo que partia para um acontecimento cultural coletivo. De acordo com Carlos Reis (2002), “Antero queria dinamizar e liderar, Eça aceita, deliberada e conscientemente, o projecto que encontramos formulado e que por ele é subscrito no programa das Conferências do Casino” (REIS, 2002, p. 18). A Geração de 70 ajudou a compor a história dessa importante fase literária, primeiro em Coimbra e depois em Lisboa. Eles estavam descontentes com a cultura nacional e com o momento político.

Na primavera de 1871, Quental impulsionou as célebres Conferências do Cassino. Conseguiram realizar as primeiras cinco conferências das dez previstas, em parceria com Eça de Queirós, Manuel de Arriaga, Teófilo Braga, Jaime Batalha Reis, entre outros. Com as ideologias que possuíam, vislumbravam a possibilidade de transformar questões sociais como a política, a economia e a religião em Portugal. As conferências realizadas foram: "O Espírito das Conferências", de Antero de Quental; "Causas da Decadência dos Povos Peninsulares", de Antero de Quental; "Literatura Portuguesa", de Augusto Soromenho; "A Literatura Nova" ou "O Realismo como nova expressão da arte", de Eça de Queiroz; "A Questão do Ensino", de Adolfo Coelho. As conferências não realizadas foram: “Os historiadores críticos de Jesus”, de Salomão Saragga; “O socialismo”, de Jaime Batalha Reis; “A república”, de Antero de Quental; “A instrução primária”, de Adolfo Coelho; “A dedução positiva da ideia democrática”, de Augusto Fuschini.

A Quarta Conferência do Cassino ocorreu no dia 12 de junho de 1871 e contou com a apresentação de Eça de Queirós. Nela, Eça analisou a chamada “Literatura Nova”, que propunha conceber o Realismo-naturalismo como Nova Expressão da Arte. Em conformidade com Massaud Moisés (1975): “Passando por Júlio Dinis, o romance português encontra em Eça de Queirós seu grande representante dentro do Realismo à Flaubert” (MOISÉS, 1975, p. 186). Para Carlos Reis (2002), Eça foi um talentoso cultor da estética do pormenor, que é a estratégia sutil de colocar um elemento significativo como recurso estético na produção literária.

A obra de Rosane Gazolla Alves Feitosa, “As Conferências do Cassino em periódicos fontes primárias e história literária”, é uma coletânea que traz raro acervo sobre as Conferências do Cassino, um evento mais político do que literário. A Geração de 70 aspirava que o país se renovasse culturalmente. O jornal *A Revolução de Setembro*, de 08 de junho de 1871, publicou na página 2: “A quarta conferência que se há de fazer no Cassino Lisbonense é sobre Nova Literatura, sendo preletor o sr. Eça de Queiroz” (FEITOSA, 2023, p. 279). Alguns jornalistas que fizeram publicação jornalística

---

<sup>3</sup> Antero de Quental liderava a geração de 1870, seu avô era um político importante da Ilha Terceira, uma das nove ilhas dos Açores. Era considerado, de certa forma, rebelde. Na sala de aula, pertencia ao grupo dos coelhos, daqueles que se sentavam no fundo da sala. Os que se sentavam na frente eram chamados ursos. O escritor sofrera surtos psicóticos de esquizofrenia, a partir de 1873, em um tempo quando praticamente não havia medicação para o quadro. Cometeu suicídio em 1891. Os amigos o consideravam generoso e humano, tanto que adotou duas filhas do amigo falecido Germano Meireles. Foi o mestre, ideólogo e mentor das conferências da geração de 70.

em torno da explanação de Eça de Queirós foram: Alberto de Queirós, Luciano Cordeiro e Pinheiro Chagas.

### 3 EÇA DE QUEIRÓS E A CONCEPÇÃO DO REALISMO-NATURALISMO

Dentre os temas da Quarta Conferência do Cassino, a Moderna Literatura consistia em investigar a sociedade como ela é e como deveria ser, com ideologias que formavam correntes de pensamento e ideais reformistas. Assim, Reis (2002) esclarece que “[...] as conferências trataram de mostrar que o que aqui está em causa é um vasto e global plano de acção[...]” (REIS, 2002, p. 18), plano de ação que poderia transformar práticas sociais e culturais que envolviam um coletivo em crise. Sendo assim, a produção artística não estava isolada, pois apresentava, representava e retratava o mundo, unida à ideologia realista que buscava atingir a verdade. De acordo com o Diário Popular de 15 de junho de 1871:

O amor ilegível e venal com o seu pavoroso cortejo de alucinações, de remorsos, de terrores, de aviltamentos, de vergonhas e de ruínas, surge aos nossos olhos gotejantes de miséria e de podridão, pavoroso como um espectro diante do qual instintivamente se recua com repulsão e horror. Este é o Realismo na arte, não só porque assim o caracterize o processo descritivo empregado pelo artista, mas principalmente pelo intuito moral de justiça e de verdade que o autor se impôs e que atingiu (FEITOSA, 2023, p. 295).

Com relação ao momento artístico, Carlos Reis (1999) assevera que Eça de Queirós respondeu com imaturidade à pergunta a respeito do que queriam com o Realismo, dizendo que a resposta do escritor foi a de que queriam fazer fotografia ou caricatura do velho mundo burguês, sentimental, devoto, católico, explorador e aristocrático.

É preciso dizer que estas palavras de Eça se ressentem de alguma imaturidade, que o escritor trataria de compensar em romances e depoimentos subsequentes; essa imaturidade denunciava-se naquele propósito de representação fotográfica da realidade e também da ênfase revolucionária que encerra o passo transcrito (REIS, 1999, p. 438).

Portugal se inspirava na cultura literária francesa, então Eça foi influenciado por Honoré Balzac, escritor francês que costumava fazer observações psicológicas das personagens em seus romances. O escritor português e Balzac possuíam estilo detalhista, fotográfico. A nação portuguesa era muito ligada à França, posto que os portugueses se identificavam com a burguesia francesa.

Eça de Queirós<sup>4</sup> escreveu – em coautoria com Ramalho Ortigão – o livro “O Mistério da Estrada de Sintra”, sendo uma obra sobre um crime acontecido na cidade de Sintra. Trata-se do primeiro

---

<sup>4</sup> Eça de Queirós formou-se em Direito na Universidade de Coimbra, ano de 1866. Exerceu por pouco tempo a advocacia em Lisboa, pois logo fundou e dirigiu o jornal oposicionista *Distrito de Évora*. Depois, ligou-se ao grupo do *Cenáculo* e trabalhou como colaborador na *Gazeta de Notícias*, no *Jornal da Noite*, no *Diário Popular* e no *Diário de Notícias*. Em 1871, pronunciou a conferência “O Realismo como Nova Expressão da Arte” no Cassino Lisboense. Em 1872, foi nomeado cônsul de primeira classe em Havana ao ingressar na carreira diplomática por meio de concurso, sendo classificado em

romance policial português, outrossim o primeiro livro escrito por dois autores, além de ser um livro representado por dois dos maiores representantes da literatura portuguesa da segunda metade do século XIX. Dentre as principais produções queirosianas estão “Os maias”, “O crime do Padre Amaro”, “O primo Basílio”, “A Relíquia”, “A ilustre casa de Ramires” e “As farpas”. Ele fazia publicações em capítulos através de periódicos que depois se tornavam volumes.

Vamos ao ROMANCE. Não se sabe o que é em Portugal. Revela só que não temos moralidade. Romantiza-se o adultério; sublimam-se os vícios mais torpes e hediondos; expõe-se a verdade negra, e desornada; não se mostram os quadros da virtude; mas a sociedade atual não é ainda assim tão perversa como a literatura a faz supor; os romances de Júlio Dinis ainda têm apreciadores. E muitas vezes os autores desses romances devassos são excelentes chefes de família. O coração está puro, mas o espírito, e o gosto corruptos. A moral é a base de toda a literatura. A arte é produção do espírito; esta é uma faculdade que tem raiz na alma, e a alma abriga o amor, a amizade, e todas as virtudes (FEITOSA, 2023, p. 259).

De cunho científico, descritivo e didático, os romances queirosianos naturalistas conquistaram o público pelo modo como o autor usava as palavras e pelas informações que elas transmitiam. Eça apresentava a racionalidade científica que nos leva ao ceticismo e ao relativismo, fundamentos que propõem um olhar fotográfico das mazelas sociais. Os problemas mundanos formam o humano, sendo assim, sob a perspectiva determinista analisamos a chantagem de Juliana em “O Primo Basílio”, quando faz do adultério da patroa com o primo um alicerce para impor seu ego humilhado e ferido, deixando Luísa sob sua cruel submissão. Na perspectiva de Massaud Moisés (1975): “[...] A cosmovisão queirosiana pouco ultrapassa a alcova duma burguesinha leviana e oca da Lisboa finissecular” (MOISÉS, 1975, p. 347).

Quando Eça publicou “O Primo Basílio”, Machado de Assis escreveu uma resenha crítica dura à obra no Brasil. Ele levantou hipóteses variantes para a obra do autor português, afirmando até mesmo que Eça de Queirós imitou Zola. Machado, enquanto crítico, desmontava obras. Ele disse que o escritor português era discípulo do escritor francês Émile Zola. Assevera ainda que “O Crime do Padre Amaro” não passava de imitação do livro “O Crime do Padre Mouret”, do mesmo autor francês. Porém, existem informações a comprovar que Eça de Queirós escreveu e publicou seu livro primeiro, e o julgamento crítico de Machado de Assis foi considerado exagerado e errôneo. Havemos de ressaltar que o Realismo português de Eça de Queirós era diferente do Realismo brasileiro de Machado de Assis.

Por outro lado, Machado de Assis destacou em sua resenha também os pontos fortes de Eça de Queirós. Relata que “O primo Basílio”, mesmo sendo o segundo romance de Eça de Queirós, já apresentava a maturidade do jovem autor. Ele relatou que o escritor português estava no início de sua carreira, mas que reconhecia o talento e a veia artística dele. Portanto, a resenha de Machado estava distante de ser considerada uma crítica arrasadora. Na verdade, o que ocorreu foi um confronto de dois

---

primeiro lugar. Fazia publicações de seus textos em periódicos antes de se tornarem volumes. Eça possuía espírito crítico e reformista.

grandes escritores em tempo de formação. Vale lembrar que Carolina, esposa de Machado de Assis, era irmã do escritor português Faustino Xavier de Novais, amigo de seu marido.

É de nosso conhecimento que Eça de Queirós possivelmente contou com a influência do prolífero escritor francês Honoré de Balzac. Há de se ressaltar que Eça tinha um elo com o Brasil, pois escrevia para o jornal *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro. Ele publicava textos produzidos para o público brasileiro. Em alguns desses textos, fazia reflexões sobre a mediação que o jornal exerce entre o indivíduo e a informação.

Eça e Machado se aproximam quando analisam as perspectivas sociais da época deles. No entanto, Machado de Assis era mais sutil em suas análises, deixando o leitor tirar as suas próprias conclusões. Quem o influenciou foi o escritor irlandês Laurence Sterne. Eça de Queirós ia até as últimas consequências, mostrando o adultério que aconteceu, a exploração evidente, sem sutilezas.

Em mais uma parceria com Ramalho Ortigão, Eça de Queirós produz “As Farpas”, é a segunda obra dos dois amigos. A primeira foi “O Mistério da Estrada de Sintra”, a qual obteve sucesso, tendo sido publicada inicialmente no Diário de Notícias. Devido ao reconhecimento, decidiram lançar “As Farpas”, provocando o estado das coisas, o *status quo* da sociedade lisboense. Ambos autores manifestavam empreendedorismo jornalístico, eram irreverentes, críticos e condicionados pela juventude portuguesa.

#### 4 A QUARTA CONFERÊNCIA

Jornais e jornalistas fizeram a cobertura da Quarta Conferência do Cassino Lisboense. Fizeram publicações os jornais *Revolução de Setembro*, *Jornal da Noite*, *Diário Popular*, *Diário de Notícias* abordaram o evento. Alberto de Queirós, Luciano Cordeiro e Pinheiro Chagas explanaram sobre o preletor da conferência.

Os comentários sobre a Quarta Conferência eram a respeito da literatura nova que surgia. De acordo com os jornalistas que cobriram a Quarta Conferência, de 12 de junho de 1871, Eça de Queirós propunha a concepção da Literatura Nova e o Realismo como Nova Expressão da Arte. A conferência democrática, cujo assunto era a Moderna Literatura, contou com críticas positivas e negativas publicadas nos periódicos da época.

##### 4.1 A REVOLUÇÃO DE SETEMBRO, DE 13 DE JUNHO

Alberto de Queirós, irmão do preletor Eça de Queirós, publicou suas reflexões programáticas, expondo opinião favorável sobre a conferência de Eça, asseverando que os assuntos apresentados eram belos, elevados e interessantes. Ele admite que a arte tem influência poderosa sobre os costumes e a moral, contribuindo para realizar a justiça, a qual deve ser a base das relações sociais.

[...] Tendo a arte uma influência poderosa sobre os costumes e sobre a moral, deveria contribuir o mais possível para realizar a justiça, única base que devem ter as relações sociais. E nem pode deixar de não ver assim, porque as evoluções históricas compreendem e abrangem em si todas as manifestações do espírito humano. Produzem uma filosofia, uma política, hão de necessariamente produzir uma literatura, uma arte, porque eles são um espelho fiel onde se vem refletir toda a sua verdade o espírito e a consciência de uma época qualquer. A ação individual tem uma parte importante na formação de uma grande obra, mas o meio físico e o social deixaram nela o seu cunho profundo e “indelével” (FEITOSA, 2023, p. 284).

Em *A Revolução de Setembro*, de 13 de junho, Alberto sustenta, ainda, que crê não ter existido homem que excedesse sua época, o seu tempo, mesmo sendo gênio, e justifica: “Jesus mesmo não fez mais do que obedecer à corrente de ideias que dominava o seu tempo” (FEITOSA, 2023, p. 284). Portanto, cada arte e cada literatura teve o seu momento próprio, ou seja, não se pode condenar as manifestações do espírito. Em resumo, o que o jornalista irmão de Eça esclarece é que a arte grega não pode ser imitada e nunca será porque é muito difícil alcançar a simplicidade do tempo dos filósofos gregos, simplicidade que fez a glória deles, com harmonia perfeita entre forma e ideia, pois o ideal da geração nova era viver de elementos infinitamente mais complexos.

Além do mais, Alberto de Queirós se identifica com a concepção de Eça para o realismo: “É este o realismo como compreende Eça de Queirós, como eu o aceito” (FEITOSA, 2023, p. 286), tendo em vista a realização da justiça no homem e na sociedade. Para ele, as artes não são um fato isolado da sociedade, mas sim algo que está ligado ao progresso e à decadência dela. A arte literária vem fazendo crítica aos temperamentos e costumes, sendo auxiliadora da ciência e da consciência. O artista toma tudo o que encerra a sociedade em ele que vive, ou seja, quando em uma época ou em um país há corrupção na política, isso aparece em forma de denúncia na arte literária, isso é exposto em forma de drama, romance, conto, poesia, tendo como nobre missão espelhar a justiça, a verdade e o direito.

Da perspectiva de Alberto, há o questionamento se há uma arte realista em Portugal, cuja resposta ele mesmo menciona, sobre naquele momento não haver, e que nas obras havia uma pequena tendência de Realismo, porém seria um ideal de crítica esclarecida e desiludida, produzia-se uma literatura que não criticava nada. Contudo, havia poesias de raras exceções, a exemplo, as de Antero de Quental, Manuel de Arriaga, Guilherme de Azevedo e Bulhão Pato.

[...] Esperemos que a arte sendo uma das formas que afeta o progresso das sociedades, tome com o desenvolvimento do nosso país a sua verdadeira forma, e que não sejamos apontados para o futuro como relapsos e esta lei geral que rege os desenvolvimentos do espírito humano. Não desfaremos a harmonia e a unidade que a arte há de ter quando entrar neste caminho largo e fecundo. Terminamos dizendo ao sr. Eça de Queirós, que no momento em que falou do Romantismo, e que disse que ele procurava inspirar-se das ideias antigas, e que pertenciam ao passado, citou *Notre-Dame*, de Victor Hugo. Esqueceu-se que esse homem escreveu *Les Châtiments* e *Os miseráveis* que se não são um romance realista, são uma grande epopeia social (FEITOSA, 2023, p. 287).

Convém destacar que Eça se inspirava nas ideias antigas, não as menosprezava, menciona até mesmo o romântico Victor Hugo que, na visão de Alberto, construíra uma epopeia social com as suas



obras. Segundo Marques Rebelo (1970), Eça é o expoente máximo do Realismo em Portugal. Ele vivia em um país decadente, não pertencia a partidos, “farpeava” com Ramalho Ortigão e classificava a agregação heterogênea de inatividades que causam o tédio.

“[...] Essa posição se reflete nos seus romances de cunho realista. Não é a de um destruidor, mas a de quem se insurgia contra a miséria, as injustiças e a ignorância; de quem amava o seu país e queria vê-lo engrandecido. Tal amor é confessado mais tarde sob outra forma, às vezes em derramado idílio, nas melhores páginas de “A Cidade e as Serras” (REBELO, 1970, p. 152).

Por fim, o pronunciamento de Eça de Queirós na conferência foi analisado pelo jornalista e irmão Alberto como uma exposição que buscava a realização da justiça no homem, a fim de que depois se realizasse a justiça na sociedade, compreendendo que a arte deve ter uma aliança íntima com a filosofia e com a consciência. Logo, a ação individual tem uma parte importante para a formação de grandes obras, pois o meio social do indivíduo pode deixar marcas que não são possíveis de apagar. Mesmo que cada arte e cada literatura tenham o seu momento próprio, elas podem sair fatalmente da história. Sendo assim, pode haver progresso na compreensão da arte, considerando o ideal artístico de diferentes maneiras, respeitando as manifestações do espírito e dos princípios de cada artista.

#### 4.2 JORNAL DA NOITE, DE 14 E 15 DE JUNHO

No *Jornal da Noite*, jornalistas discorrem, entre 14 e 15 de junho, que Eça propunha o Realismo em Portugal não somente como uma forma, mas como um conteúdo de base filosófica na concepção artística do belo, do bom e do justo. Pintaria o adultério como imoralidade encrustada nos costumes da sociedade.

Descreveu largamente o Segundo Império e a sua arte. Disse que com o despertar do espírito público em França, coincidira a aparição do Realismo. Apresentou como exemplo o romance *Madame Bovary*. Apresentou a teoria do Realismo: devendo ser as suas condições, 1º tomar a sua matéria na vida contemporânea; 2º proceder pela experiência, pela fisiologia, ciências dos temperamentos e dos caracteres; 3º ter o ideal moderno que rege as sociedades, isto é, justiça e verdade (FEITOSA, 2023, p. 290).

O referido jornal abordou que a corrupção e as imoralidades são as vergonhas e ruínas da sociedade, mergulhada na miséria: “A arte há de tornar-se realista ou estará destinada a uma decadência” (FEITOSA, 2023, p. 290-291). Eça de Queirós preconiza a arte literária servindo aos interesses do “mundo em que existe”, criticando o Romantismo com vivacidade de palavras.

Eça discursava sobre a moderna literatura da época defendendo as ideias do Realismo<sup>5</sup> e sepultando a corrente literária romântica em voga no momento. Lembrou da Revolução Francesa de

---

<sup>5</sup> O Realismo de Eça de Queirós foi para a arte o intuito moral de promover a justiça e a verdade. Por exemplo, “O Crime do Padre Amaro” onde há a exposição do problema do celibato sacerdotal, sendo que padre é ser humano, tem seus desejos. Ou em “O Primo Basílio” onde há o problema do adultério e a chantagem da governanta. Em “A Cidade e as Serras”, o encontro com a natureza pode ser mais sinônimo de felicidade do que a riqueza e a modernidade.

1789, mostrando que o Romantismo estava divorciado das ideias da revolução, da justiça, da liberdade e da verdade preconizadas pela nova corrente literária que defendia, o Realismo-naturalismo, de acordo com os ideais revolucionários do momento. Eça disse que a arte do futuro era o realismo. De fato, tal foco perdura na arte literária até os dias de hoje, mormente na literatura brasileira contemporânea.

As conferências democráticas, das quais Eça foi um dos expositores, apresentavam ideias revolucionárias, desenvolvendo a teoria da justiça sobre a arte. Eça ponderava que a arte não surgia na sociedade como fato isolado, e sim como algo intimamente ligado ao progresso e à decadência social. Ele expunha que a literatura francesa conduzia a civilização para mudanças significativas. Asseverou sobre o estado da arte no período da primeira revolução francesa, como enfática e estéril, apresentando meios que lhe eram próprios a uma contrarrevolução. Fez referência à influência do Romantismo nos costumes e à decadência causada por esse movimento literário. Quanto ao Realismo, apresentou a teoria da moral desse movimento, que auxiliava o desenvolvimento da ideia de justiça nas sociedades, criticando os temperamentos e costumes, auxiliando na ciência e na formação da consciência, propondo que a verdade e a justiça podem finalizar as ações do ser humano.

#### 4.3 DIÁRIO POPULAR, DE 15 DE JUNHO

O jornal *Diário Popular*, de 15 de junho, expõe sobre a lei da arte moderna de modo lúdico e espirituoso. É a literatura nova analisando a arte grega, a arte clássica e o movimento revolucionário de 1830. Afirma que a arte obedece à lei que determina grandes evoluções de princípios, que conduz ao aperfeiçoamento, à elevação e ao progresso. Eça falava a auditórios nos quais se notava a presença de algumas senhoras. Ele não era democrata, mas foi fiel à sua propaganda e ao seu dever. Era o representante do Realismo na sala das Conferências Democráticas, trajando roupas que expressavam formalidade.

Há a referência da arte nova como ideia mãe da justiça. Para Eça, o Realismo na arte se caracteriza como processo descritivo empregado pelo artista, com o intuito moral da justiça e da verdade, o qual o escritor impõe para si e procura atingi-lo. Aqui, destaca-se também o momento de negação da arte pela arte, procriando o convencional, o falso, o oco, o lacrimoso, o piegas. O Realismo deixa de ser o que alguns falsamente supõem, deixa de ser um simples modo de expor o trivial, o chato, o fotográfico, pois não se pode falsear a realidade. Portanto, o Realismo é para Eça a forma pela essência, é o processo pela doutrina.

#### 4.4 PARTIDO CONSTITUINTE, DE 15 DE JUNHO

O jornal *Partido Constituinte*, de 15 de junho, relata que Eça falou na quarta conferência democrática para mostrar, por meio da palavra, o seu ainda não conhecido talento de escritor

engenhoso e brilhante. Discursava com “[...]serenidade de espírito, bastante eloquência, muita elegância e suavidade de frase. O seu estilo é duma simplicidade graciosa, delicada e natural, que agrada e prende o auditório[...]” (FEITOSA, 2023, p. 299). Há de se notar que ele tinha sempre à mão um manto rico e variado de palavras para envolver a plateia em sua inspirada ideia, a versar sobre a conferência da moderna literatura, a apresentar a ideia da arte conforme ela deveria ser compreendida em mundo transformado pelo espírito da revolução. Era uma teoria de argumentos abundantes, exemplificados com exposição lúcida e senso crítico.

Em *O Partido Constituinte*, há também uma considerável referência às ideias: “As ideias justas, grandes e generosas, não de sobreviver a falsos princípios” (FEITOSA, 2023, p. 300). Realmente, tais ideias sobreviveram na arte literária até a atualidade. Todo o auditório ficou admirado com a competência do preletor em expor suas ideias ainda estando, na época, em seus “verdes anos”.

Na segunda metade do século XIX, a feição característica de individualidade e originalidade não estava servindo mais, porque era uma imitação simplista do passado. Os falsos princípios de fé e de caridade que conduzem ao beatério ridículo serão trocados por justas ideias de uma inteligência forte, estudada e aplicada. Eça era considerado jovem para tanta erudição, imaginação ardente e espírito de lúcida criticidade, a ponto de deixar o auditório admirado, recebia aplausos prolongados.

#### 4.5 DIÁRIO DE NOTÍCIAS, DE 15 DE JUNHO

O jornal *Diário de Notícias*, de 15 de junho, relata que Eça apresentou linguagem pura, no entanto formando frases com elegância. Tomado de seu discurso, argumentava sobre a literatura moderna, sobre a arte e a teoria da justiça, explanado sobre a revolução do fato permanente, analisando termos como política, economia, ética, sistema, mecanismo e forma, a mencionar a revolução que se entende por um princípio estético.

A arte aparece ligada a todos os movimentos sociais, determinada por causas permanentes, e causas acidentais ou históricas: as permanentes derivam do solo, do clima, da raça, ao influxo das quais o artista tem de obedecer fatalmente; as acidentais são tiradas de uma certa ordem de áreas que formam os diversos períodos históricos, que determinam os costumes, e que também sujeitam ao seu despotismo o artista (FEITOSA, 2023, p. 303).

Ademais, o artista não pode se tornar isento da influência do meio onde vive, assim como dos costumes de seu tempo e do estado dos espíritos. Cada época histórica oferece uma ideia sobre a arte, por exemplo, a Grécia antiga quando valorizava o homem belo do ponto de vista físico, valorizando o plano exterior, em detrimento do plano interior, a negligenciar o aperfeiçoamento moral e os bons costumes.

O que se expressa é que o artista está à mercê da influência do meio em que vive. É necessário que se pense também que cada época emite o seu ideal daquilo que é belo na arte. Há crítica à imitação

e à cópia da arte literária romântica, com necessidade de mudança. Os escritores não podem fugir espavoridos de seu tempo.

Existe uma crítica velada à ganância, que não atua a favor de denunciar as mazelas da sociedade na arte literária: “[...] explora o povo, o egoísmo, o amor ao dinheiro, são a palavra de ordem em todos os ramos da atividade” (FEITOSA, 2023, p. 305). Enfim, propõe o Realismo como “a arte do presente e do futuro”. Então, Eça discorre exemplificando que os romances famosos como o Eurico, o Monge de Cister, a Mocidade de d. João V e o Arco de Santa Anna pecam por ser arte fora do tempo presente: “A arte deve corrigir e ensinar” (FEITOSA, 2023, p. 305), visando um fim moral. Eis que se diz tudo: tentar a regeneração dos costumes pela arte, aspirando ao belo e ao bem, por meio da condenação do vício e engrandecimento do trabalho e da virtude.

#### 4.6 A REVOLUÇÃO DE SETEMBRO, DE 16 DE JUNHO

Ao Folhetim do jornal *A Revolução de Setembro*, de 16 de junho, Luciano Cordeiro tece elogios ao amigo Eça, e também deixa alguma crítica quando crê que Eça enaltece demais as ideias de arte e ideais revolucionários só da França, abandonando os gregos e o restante da Europa, como Shakespeare, Goethe, Lutero e tantos outros idealistas com suas diferentes vertentes. Não foram só louvores a favor de Eça, por ocasião da sua participação na Quarta Conferência do Cassino, como quem adora o Realismo, assim sendo, completamente em desacordo com suas próprias ideias anteriores. Também lembra de Shakespeare, obra de crítica social próxima ao Realismo atual (do século XIX) já escrita há tanto tempo, a lembrar também do pincel de Miguel Ângelo, tudo para contrariar Eça na referida conferência.

Luciano Cordeiro aborda a preleção literária sobre a qual Eça expôs a partir de uma finalidade didática, falando da luta da publicidade pela regeneração literária, da razão que faz crítica científica séria, com o movimento das ideias modernas. Destaca que há muito tempo se tem afirmado na conferência que no periódico e no livro existem certos princípios que implicam em determinada comunhão literária. E a vida social encontra na arte uma exclusão que persiste, premeditada, sistemática, sendo uma síntese social da obra que aspira o espírito de revolução. São três fases: “o *verdadeiro* na ciência, o *justo* na consciência, o *belo* na arte” (FEITOSA, 2023, p. 308). Por fim, resume a noção fatal do meio natural e histórico a influenciar o indivíduo, enfatizando a boa crítica sobre a qual não há vaidade ao proferir que em Portugal não consta haver uma conferência sobre o Naturalismo.

Convém ressaltar que o movimento naturalista teve como principal elemento a objetividade. Faziam-se contrastes ao cânone quando manifestavam senso crítico e visão científica, com solidez e harmonia diante da doutrina que surgia. Lançavam mão da teoria jurídica, do fato permanente que era invasor e causava soberba nas sociedades daquele tempo. Descreviam as almas dos amantes platônicos

que de uma constelação de édens diziam ser bonita a teoria da qual tratavam. Entretanto, a teoria da geração nova era mais bela, pois a questão não era boniteza e sim a verdade, a comprovação positiva. E o que seria revolução? Uma abstração, uma generalização, um ideal que se funde para se consubstanciar e se contradizer.

Cordeiro relata sobre a natureza qualquer a ser definida, sobretudo aquela da teoria idealista pura, da teoria do justo, do verdadeiro, do exclusivo, do intolerante que negava o belo na arte, item esse que a revolução destrona. A lei social consiste na evolução para transformar a lei natural, transformando o pensar, a ação e a vida. Trata-se de uma grande complexidade que engloba a biologia com suas gerações espontâneas, a corrente sociológica dos esforços humanos, juntamente com a teoria do livre-arbítrio: “Tudo tem uma razão de ser positiva, natural, fatal: se ela falta ou se ela deixou de existir, o *fato* não progride ou o *fato* baqueia. Olhe a Comuna incendiária e o Império-Cesar” (FEITOSA, 2023, p. 309). Por conseguinte, a arte da revolução francesa abordou o Primeiro Império, a Restauração, o Segundo Império, reforçando a sua crítica. Os movimentos revolucionários da Alemanha, Inglaterra, enfim, da Europa foram silenciados.

Lutero esquecido, Shakespeare esquecido, e até já mais chegado a nós, Goethe, esquecido também. Os próprios *enciclopedistas* quase se podem dizer que esquecidos foram, e mais só da França se falava: a França substituíra não digo só a Europa, mas o mundo. A crítica sofre com isto: o amigo mesmo havia de sofrer; não se isolam impunemente os grandes elementos sociais na explicação e apreciação crítica (FEITOSA, 2023, p. 309-310).

Eça de Queirós era conhecido pelos leitores do jornal *Diário de Notícias*, especialmente porque esses foram cúmplices da famosa produção “O Mistério da estrada de Sintra”, onde há elegantes descrições que contam com a colaboração de Ramalho Ortigão. Os autores portugueses daquele tempo contavam com a influência de Gustave Flaubert que, em conformidade com o que menciona Roland Barthes (1984), produzia um tecido narrativo pela dimensão e pelo cuidado no pormenor. Barthes (1984) expõe que em Flaubert é possível verificar que o objetivo estético da descrição ainda é muito forte: “Em *Madame Bovary*, a descrição de Rouen (referente real, digamos) está submetida às tirânicas limitações daquilo a que é forçoso chamar o verossímil estético [...]” (BARTHES, 1984, p. 91). Por último, as considerações mais exatas efetuadas no modelo de Rouen, vista por Flaubert, continuam a ser as mesmas.

#### 4.7 DIÁRIO DE NOTÍCIAS, DE 19 DE JUNHO

Ao *Diário de Notícias*, de 19 de junho, Pinheiro Chagas expõe sobre a revelação das crenças de Eça de Queirós e do Realismo em correlação com “*Madame Bovary*”, o materialismo da arte, a educação sentimental, as verdades morais, entre outros. Chagas revela que levaria em conta o talento de Eça, esclarecendo que o autor haveria de ser um dos vultos mais notáveis da literatura portuguesa. Entretanto, faz crítica ao que pôde avaliar do resumo que os jornais fizeram da preleção de Eça: “O

que não impede que esteja completamente em desacordo com muitas das ideias que ele ali expendeu” (FEITOSA, 2023, p. 312). Além disso, assevera que não tem certeza se o próprio Eça esteja completamente a favor da sua opinião em seu discurso, supondo que no fundo nem mesmo o autor pode estar de acordo com o que disse.

O sr. Eça de Queirós convenceu-se de que o Realismo era o seu ídolo, adotou aquela religião oficial, batizou-se naquela igreja, teve Gustavo Flaubert por seu padrinho, de vez em quando confessa-se a reza o credo em voz alta..., mas, por mais que me diga eu ainda me persuado de que ele não vai frequentemente à missa (FEITOSA, 2023, p. 312).

O movimento realista inscreve a sua bandeira com o barbarismo da boa “*réalisme*”, realidade francesa, preconizando um dos grandes fins da arte que é o estudo da natureza humana por meio da consciência, a investigar as questões psicológicas. Não consistia em criar obra diversa de Molière ou Shakespeare, mas em expor o que há no recôndito coração humano, revelando os desejos e as paixões mais hediondas do ser humano, acrescido da investigação inquieta das verdades psicológicas.

[...] Não as inocentou nos vultos imortais de Julieta, de Otelo, de Hamlet, de Lady Macbeth, de Ricardo III e do Rei Lear, e não os obrigou depois a manifestarem-se nos seus mais variados aspectos, não deixando escapar um só desses lampejos que iluminam até os mais íntimos recessos as misteriosas profundidades da alma humana? (FEITOSA, 2023, p. 313).

O Realismo ousava fotografar a tragédia da vida cotidiana, apontando para a inflexibilidade rígida do caráter, evidenciando o estado psicológico profundo em relação a paixões tempestuosas. O amor se torna apenas uma excitação de sentidos, sendo refém dos afetos violentos da paixão. A ciência traz aos domínios da medicina o conhecimento de novas patologias e cabe às artes demonstrar as descobertas científicas. Em “*Madame Bovary*”, Flaubert assevera, com olhar clínico, que o homem pode se mover com pulsações proporcionadoras de estados febris, impulsionadas pelo amor ou pela ambição.

O adultério na *Madame Bovary* é com efeito apresentado debaixo dum aspecto repelente, mas não supunha que o autor encontrou aí uma elevada intenção moral. Viu uma doença repugnante e descreveu-a fria e cruamente. Emma é a mulher sensual em toda a sua brutalidade. A Fanny de Feydeau ainda em vence em perversão; essa é a fêmea do yahou das *Viagens de Gulliver* transplantada para os requintes da civilização moderna. Por baixo daquelas sedas, daquela linguagem elegante não há senão os instintos bestiais. O amor nessas mulheres e nesses homens é puramente físico, e foi só debaixo desse ponto de vista que os *realistas* o estudaram. *Fanny e Madame Bovary* são dois casos de medicina legal (FEITOSA, 2023, p. 313).

Pinheiro Chagas critica Eça e defende os românticos: “Eles é que tiveram a ousadia de perscrutar os íntimos arcanos do coração humano” (FEITOSA, 2023, p. 314). Segundo o jornalista, o Realismo materialista atinge a sublimidade do ridículo. A conclusão que ele chega é a de que todos os tipos de Realismo são repugnantes porque falta luz a eles, falta a luz moral. Também assevera que Eça

“não se deixe cegar pela divisa dos realistas” (FEITOSA, 2023, p. 315), porém aceita que Eça possui enormes virtudes artístico-literárias.

Por conseguinte, o Realismo se apregoava como idólatra da realidade, sendo que os sentimentos que ele exprimia eram muitas vezes falsos. O escritor francês Gustave Flaubert indica a educação moral a partir das impressões de um herói que esperava amar uma mulher pura e casta, porém ocorre uma contradição de difícil explicação. Do mesmo lado, “Eça de Queirós possui as qualidades literárias mais incompatíveis com os defeitos do *Realismo*. Ele é um poeta e um pensador” (FEITOSA, 2023, p. 315). O autor português pondera que o hábito de considerar o passar das coisas historicamente o faz renunciar a ansiedade excessiva que agita os corações e poupa decepções. Para ele, o consolo e a esperança nunca lhe faltam.

Em suma, Pinheiro Chagas não pretendeu refutar as ideias de Eça de Queirós, pois considera que isso seria um absurdo, até porque não assistiu à conferência, no entanto, relata que Eça adotou essa bandeira que desassombra e apresenta defeitos. Declara também que a arte pela arte é um princípio funesto, pois a arte deve ter a investigação constante da verdade.

#### 4.8 A REVOLUÇÃO DE SETEMBRO, DE 20 DE JUNHO

Para o jornal *A Revolução de Setembro*, de 20 de junho, as verdades morais não consistem no materialismo que as ensina, nem mesmo no Realismo que as descobre: “[...] O Realismo desconhece a paixão, que para ele não é mais que a excitação dos sentidos. O Realismo conhece a paixão, estudada, e determina os casos em que ela é legítima ou falsa” (FEITOSA, 2023, p. 317). O que delimita o materialismo como propulsor das verdades morais. Há crítica às ideias do Realismo de Pinheiro Chagas e defesa ao Eça sobre o que ele disse na Quarta Conferência do Cassino. Pinheiro Chagas agia assim por “professar outro credo literário” (FEITOSA, 2023, p. 317), por isso tem ideia falsa sobre o Realismo. No Realismo, a defesa do verdadeiro está ligada ao valor dado à ciência, à defesa do justo, ligada ao valor dado à consciência e à defesa do belo, ligado ao valor dado (pelos realistas) à arte.

#### 4.9 A REVOLUÇÃO DE SETEMBRO, DE 24 DE JUNHO

Novamente, voltamos às reflexões programáticas de Luciano Cordeiro, publicadas em *A Revolução de Setembro*, de 24 de junho, que tratam da conclusão da preleção de Eça. Ele enuncia que os folhetinistas daquele tempo eram uns líricos anêmicos, que só rezavam pelo breviário da “Revisão dos dois mundos”, sujeitos com pensamento enovelado em um sonho contínuo que explicam o que se tem ocorrido e o que está para acontecer. Cordeiro lembra ainda dos velhacos e hipócritas diante da podridão social e faz alusão à dissolução social da França e expõe sua indignação por causa da “Sociedade podre do Segundo Império”. Aqui se mostra a luta política da época, os primeiros indícios do embate político entre monarquistas e republicanos.

Mais de um sujeito tem abandonado ultimamente o *Murtinho* na nobre resolução de escrever a *História da guerra*, num bairro qualquer de Lisboa prepara-se uma *História da comuna*, e diariamente vê a gente um ou outro rapaz abandonar com louvável abnegação os seus romancesinhos parisienses para oferecer aos homens que ora dirigem a França os mais salutares conselhos e indicar dedicadamente ao mundo o rumo que se deve seguir (FEITOSA, 2023, p. 322).

Cordeiro menciona ainda as tristezas daqueles tempos e afirma que eles eram felizes porque tinham motivos para sorrir. Os escritores dessa geração aprenderam a rir de alegrias vãs, de momentos passageiros, das ideias que formavam das coisas do mundo. Eles viravam a sociedade pelo avesso, fotografando e denunciando as mazelas, tais como: adultério, exploração do homem pelo homem, entre outras coisas. Sentiam que o movimento adotado pela geração de 70 seria o “gigante do século”. Eles faziam fotografias com as quais dissecariam a existência, isto é, nada passaria indiferente. De acordo com eles, Flaubert dissecou a figura da mulher e foi até além, mas não fez tudo, visto que as mulheres contemporâneas a eles não eram realmente daquele jeito. Afirmam que o escritor francês desconhecia a paixão dos folhetinistas.

Quer o amigo que a arte tenha uma lição essencialmente didática, mas em que cifra o ensino dela? No apresentar-nos o que é, deixando ao arbítrio, estabelecendo uma espécie de livre-exame para o que deve ser. Flaubert faz uma espécie de dissecação, uma tentativa romanesca de estudo psicológico, frio, severo, *realista* dizem. Põe-nos em cena um manequim humano e descreve-nos minuciosamente os cordões e as molas que o movem (FEITOSA, 2023, p. 323).

O Realismo exprime a ligação íntima da literatura com a ciência e a consciência. Ele trabalha com o que é natural, espontâneo e fatal. Nele, a arte é arte e, para que ela seja verdadeira, deve ser espontânea e natural: “O *fatum* da arte moderna é de feito a natureza humana, os meios sociais e históricos, as instituições, a ciência” (FEITOSA, 2023, p. 324). Então, a primeira condição da arte é a espontaneidade. Crê-se que a verdade idealizada possui finalidade fecunda e positiva.

Ademais, o Naturalismo é denominado como a última fórmula ampla e positiva, onde a crítica não se impõe, mas se sedimenta. Critica-se a arte da Grécia, a arte medieval, o Naturalismo shakespeariano e o Realismo dos idealistas, além do mais os escritores da imprensa, do ramo do jornalismo, inovaram.

[...] Suprimimos a história pelo panfleto, não admitimos a retrospecção, a idealização – olhe que não digo o idealismo; – histórico. O Naturalismo na mais lata acepção explica a arte de todas as épocas até a arte [...], ambígua falsa de hoje, e anuncia a arte positiva do futuro. No Naturalismo cabe o Realismo e sobretudo está à vontade a ciência. Nem tudo o que é *real* é *verdadeiro*, sabe, mas a natureza é que é a *verdade* (FEITOSA, 2023, p. 324).

Expunha-se as divergências da vida mundana, por meio de uma crueza que consistia no não respeito ao talento embelezador das coisas. Era o enquadramento do desvio moral, explicitamente alicerçado na busca humana pela satisfação dos desejos naturais, que causam amarguras, tristezas,



leviandades. Em contraponto, vem o orgulho, a vaidade e a prepotência. Os escritores não se permitiam retroceder, idealizavam o histórico Naturalismo, explicavam a arte de todas as épocas pela arte, que estava ficando naquele tempo ambígua e falsa. Buscavam a arte positiva do futuro, sobretudo aquela que está ao juízo da ciência. Partiam da concepção de que tudo o que é real é verdadeiro, e a natureza revela a verdade. A geração nova tornou-se revolucionária propondo que a arte literária se aproximasse da fotografia, com denúncias de problemas sociais como o desvio de caráter, rompendo com os moldes ultrarromânticos.

Uma nova ordem artístico-literária surgiu através do Realismo. Consta-se que “A ciência não faz mal à arte” (FEITOSA, 2023, p. 324), como pensavam os românticos, porque a arte tem que ser espontânea e natural para ser verdadeira, sendo o Naturalismo a última fórmula positiva e ampla: “No Naturalismo cabe o Realismo e está à vontade a ciência” (FEITOSA, 2023, p. 324 e 325), a natureza é que revela a verdade. No final, Luciano Cordeiro lembra ao amigo Eça “as tristezas e amarguras” que sentem, causadas pelas leviandades.

Em síntese, a “velha guarda” literária batia de frente com a vanguarda literária portuguesa, que surgia com inflamado ideal a favor da nova arte literária, dentro do novo molde de escrever a arte poética, ou obra de ficção impregnada de denúncias da “podridão” da sociedade portuguesa da época, manifestada em forma de adultério, chantagens, corrupção, opressores contra oprimidos e de tantas outras formas mais de imoralidades.

Os jovens literatos venceram os debates que duraram dias, meses e anos, e seus ideais artístico-literários perduram até hoje na literatura contemporânea, especialmente no Brasil atual, influenciando na produção de romances e poemas em favor da construção de uma sociedade mais justa, humana, liberal, compreensiva, na defesa dos marginais da sociedade, da emancipação feminina, da sociedade contra a violência do crime organizado, na defesa do meio ambiente. Por exemplo, livros onde claramente se defende a situação atual do índio e do meio ambiente, tão necessário para podermos conhecer a situação de grupos minoritários.

Por fim, havemos de concluir com a colocação de Carlos Reis (2001) a respeito do Realismo e do Naturalismo, a afirmar que o Naturalismo é a sobreposição parcial e o complemento do Realismo, sendo o Realismo literário um movimento antirromântico, com a tendência de descrever e observar o real contemporâneo, submetido a uma propensão crítica e reformista. Já o Naturalismo “[...] procurará explicá-lo na base de métodos de trabalho de raiz positivista e determinista” (REIS, 2001, p. 11). Então, a partir dessa propensão científica nota-se como resultado “[...] uma literatura não raro artificial e cativa de uma doutrina ideológica demasiado restritiva quanto aos temas e quanto às estratégias literárias que consentiu” (REIS, 2001, p. 11). Contudo, a iniciativa promovida pela geração de 70, dinamizada por Antero de Quental, fez Eça proclamar – nas Conferências do Cassino – o Realismo como nova forma de expressão artística.

A Quarta Conferência trouxe a luz que faltava para iluminar as ideias do público letrado e amante das artes da época. A maioria dos jornais e jornalistas rasgavam elogios ao jovem conferencista Eça de Queirós, sendo que uma das exceções foi Pinheiro Chagas, quem criticou o Realismo e Eça com voracidade. Os jovens intelectuais propunham uma epopeia social, com mudanças significativas na maneira de pensar, manifestando a arte que compreende a literatura, o romance, o drama, a poesia com aliança íntima aos juízos da consciência, em desenvolvimento do espírito de justiça, de verdade, de direito, formando a ciência de conceber a arte contemporânea a eles. Procuravam a vida íntima, que é a matéria da arte, nas lutas, sofrimentos e trabalhos da sociedade. Estudavam o meio social à luz da psicologia, observando os costumes de forma real, em busca até mesmo do autoconhecimento, incitando o aperfeiçoamento próprio.

Em suma, Eça propunha a arte em geral, e a arte literária em particular, para atuar como instrumento na defesa da justiça e da verdade na sociedade em que estava inserida. Era a arte literária comprometida em atuar com o ideal máximo em defesa da liberdade, contra a falta de moral e os desmandos de alguns membros da sociedade que se sentiam poderosos a ponto de agir sem compromisso com a justiça e com a verdade.

## 5 CONCLUSÃO

Apesar das proibições providas do governo português, as Conferências do Cassino de 1871 foram bem-sucedidas. Mesmo que tenham sido realizadas apenas cinco conferências das dez planejadas, elas surtiram o efeito de conceber os primeiros indícios do Realismo-naturalismo em Portugal. Os principais conteúdos das conferências foram publicados em jornais, com comentários dos jornalistas que escreviam as reportagens. O nosso enfoque foi sobre a Quarta Conferência que contou com Eça de Queirós na posição de preletor.

Em uma tentativa de sermos sucintos, comentamos alguns itens abordados no livro “As Conferências do Cassino em periódicos fontes primárias e história literária”, coletânea de Rosane Gazolla Alves Feitosa, para obtermos uma noção da história da referida fase literária portuguesa em que os periódicos tiveram um protagonismo importante.

Vários jornais cobriram o acontecimento naquele período, ressaltando o talento do jovem Eça, tais como *A Revolução de Setembro*, *Jornal da Noite*, *Diário popular*, *Partido Constituinte*, *Diário de Notícias*. Todos não poupando elogios ao jovem escritor, exímio orador. Opinaram principalmente Luciano Cordeiro, Pinheiro Chagas e Alberto de Queirós, expondo o ponto de vista deles em relação às ideias defendidas por Eça de Queirós. Pinheiro Chagas foi o mais crítico.

Procuramos analisar a visão do Realismo e do Naturalismo por meio daqueles que ficaram vivos na memória destes momentos literários que influenciaram o Modernismo. Por meio da crítica literária, comentamos esses movimentos literários que marcaram fortemente a literatura europeia,

especialmente porque, durante as Conferências do Cassino, articulavam sobre novas expressões literárias.

Na segunda metade do século XIX, os jovens da geração nova formaram um grupo informal de intelectuais que, saindo das universidades, partiam para o campo jornalístico e literário, buscando analisar a sociedade de seu tempo com lentes realistas. O carismático Antero de Quental encabeçava o grupo que contava com Eça de Queirós, o preletor da Quarta Conferência do Cassino. De acordo com Carlos Reis (2002), o Eça que aflorou nesse período era eclético: “[...] em quem é possível destringer pelo menos três apelos: o Eça que cede ao apelo do que é decadente, mórbido e mesmo imoral” (REIS, 2002, p. 25); além desse, havia o Eça que interpretava os rigores do Naturalismo com sobrecarga impressionante de pormenores; e havia também um outro Eça com pendor plástico para o bem e para o mal, com descrições excessivas.

Portanto, o presente artigo pretendeu discorrer sobre a concepção do Realismo-naturalismo feita durante a palestra do escritor Eça de Queirós, na Quarta Conferência do Cassino, a qual foi analisada por meio de diferentes perspectivas, e publicadas em jornais daquela época. Por meio da leitura e da análise de textos que alguns jornalistas escreveram sobre as explicações queirosianas, notamos que houve abordagem da história do Realismo-naturalismo português. Houve até mesmo um certo enfoque sobre a cultura e história política de Portugal no século XIX.

O relativismo que busca explicar a origem de tudo, o determinismo do meio formando o indivíduo, os fundamentos da racionalidade, todos com reflexões dentro de narrativas folhetinescas, proporcionam uma essencialidade que exprime o ideal universitário que orientava os jovens escritores da geração de 70. Eles se fortaleciam e se depuravam com o passar do tempo, trazendo a Lisboa o conhecimento reunido nos anos de estudos universitários.

Faziam reverência ao intercâmbio das ideias, com aventuras intelectuais a partir de um ângulo original e novo. Ao público cabia a oportunidade de vivenciar os contextos de vida por vezes inéditos, sem prejuízo de análise das narrativas que se tornaram conhecidas para a crítica. Sendo assim, o Realismo-naturalismo foi bem representado por Eça de Queirós, autor com qualidades literárias singulares.



## REFERÊNCIAS

- ASSIS, Machado de. Crônicas Escolhidas - Folha de S. Paulo. São Paulo: Ática, 1994.
- BARTHES, Roland; BERSANI, Leo; HAMON, Philippe; RIFATERRE, Michael; WATT, Ian. Literatura e Realidade (que é o realismo?). Trad. Tereza Coelho. 1ª ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1984.
- CABRAL, Antônio. Eça de Queiroz: a sua vida e a sua obra. 3ª ed. Lisboa: Bertrand, 1945.
- CAMPATO JR., João Adalberto. Manual de Literaturas de Língua Portuguesa: Portugal, Brasil, África Lusófona e Timor-Leste. Curitiba: CRV, 2016.
- FEITOSA, Rosane Gazolla Alves. As Conferências do Cassino em Periódicos Fontes Primárias e História Literária. Coletânea. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2023.
- FRANCHETTI, Paulo. Eça e Machado: críticas de ultramar. Cult. São Paulo, ano IV, n. 38, p. 48-53, 2000.
- GRIECO, Agripino. Machado de Assis. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959.
- MELLO, Miguel. Eça de Queirós: A obra e o homem. Rio de Janeiro: Livraria Italiana e Tipografia Ramori & Cia., 1911.
- \_\_\_\_\_. Vivos na memória. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- MATOS, Álvaro Costa. Revisitando “As farpas” de Eça de Queirós e Ramalho Ortigão. Jornalíssimo, Porto, 39 ago. 2022. Disponível em: <https://jornalissimo.com/historia/revisitando-as-farpas-de-eca-de-queiros-e-ramalho-ortigao-1/>. Acesso em: 10 abr. 2024.
- MOISÉS, Massaud. A Criação Literária. 7ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (USP), 1975.
- \_\_\_\_\_. A Literatura Portuguesa. 13ª ed. São Paulo: Cultrix, 1975.
- QUEIRÓS, Eça. Um gênio que era um santo. In: DUARTE, Antônio. Escola Portuguesa – Leituras de Língua e Literatura. Lisboa: Wordpress, v. 1, p. 09-11, 11 set. 2016. Disponível em: <https://escolapt.wordpress.com/2016/09/11/leituras-eca-de-queiroz-um-genio-que-era-um-santo/>. Acesso em: 10 abr. 2024.
- REBELO, Marques. Antologia Escolar Portuguesa. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora GB, 1970.
- REIS, Carlos. Eça de Queirós e a Estética do Pormenor. In: Congresso de Estudos Queirosianos – IV Encontro Internacional de Queirosianos. Instituto de Língua e Literatura Portuguesas – Faculdade de Letra. Coimbra: Almedina, v. 1, p. 13-30, 06 a 08 set. 2000.
- \_\_\_\_\_. História da Literatura Portuguesa – O Realismo e o Naturalismo. Lisboa: Publicações Alfa, v. 5, 2001.
- \_\_\_\_\_. O Conhecimento da Literatura – Introdução aos Estudos Literários. 2ª ed. Coimbra: Almedina, 1999.



SALGADO JR., Antônio. História das Conferências do Casino [Tese de doutorado, Faculdade de Letras, Universidade do Porto]. Lisboa: Tipografia Cooperativa Militar, 1930. Disponível em: <https://www.livrariaferreira.pt/livro/historia-das-conferencias-do-casino/>. Acesso em: 10 abr. 2024.

QUENTAL, Antero. Bom senso e bom gosto – Carta ao Excelentíssimo Senhor Antônio Feliciano de Castilho – Biblioteca Digital de Literatura de Países Lusófonos. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1865. Disponível em: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=130209>. Acesso em: 10 abr. 2024.